

*Namoro velado pelas águas: um rio que separa e une duas cidades**

MARIA DE FÁTIMA OLIVEIRA**

Universidade Estadual de Goiás

Resumo: Este artigo analisa a correspondência entre um casal de namorados nas margens do rio Tocantins na década de 1940, buscando evidenciar aspectos históricos sobre costumes e mentalidade das populações ribeirinhas dessa região no período. É possível conhecer particularidades sobre os moradores e a região por meio do estudo do conteúdo desses escritos trocados entre um casal de jovens da cidade de Carolina (MA) e Pedro Afonso (TO). Devido à falta de estradas na região, os rios funcionavam com “caminhos”, sendo o barco, o meio de transporte mais utilizado pela população ribeirinha na época. Assim, o pensamento, a rotina e comportamentos, próprios dos moradores dessas comunidades ribeirinhas na primeira metade do século XX, são expressos nas cartas que navegavam lentamente em toscas embarcações nas águas do rio Tocantins.

Palavras-chave: Cartas; Rio Tocantins; Século XX.

Abstract: This article analyzes the correspondence between a couple of lovers on the banks of the Tocantins River in the 1940s, seeking to evidence historical aspects about the habits and mentality of the riverside populations of this region in that period. It is possible to get to know peculiarities about the residents and the region through the study of the content of these writings exchanged between a young couple from the city of Carolina (MA) and Pedro Afonso (TO). Due to the lack of roads in the region, the rivers worked as “paths”, being the boat the most used means of transportation by the riverside population at that time. Thus, the typical way of thinking, routine and behaviors of the residents of these riverside communities in the first half of the 20th Century are expressed in the letters which slowly navigated on rough boats in the waters of the Tocantins River.

Keywords: Correspondence; Tocantins River; 20th Century.

* Recebido em: 11/09/2017 e aprovado em: 30/10/2017.

** Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e docente na Universidade Estadual de Goiás (UEG) no curso de Licenciatura em História e no programa de mestrado interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER). Bolsista do Programa de Concessão de Bolsa de Incentivo ao Pesquisador (BIP). E-mail: proffatima@hotmail.com.

Todas as cartas de amor são Ridículas. Não seriam cartas de amor se não fossem Ridículas. [...] Mas, afinal, só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é que são Ridículas
(Fernando Pessoa).

Introdução

O uso de cartas como meio de comunicação entre ausentes é encontrado desde os povos antigos. Apesar das mudanças na forma, estilo e material empregado na sua confecção, a característica do sigilo sempre a acompanhou, devido ao seu caráter íntimo e confidencial. Embora a prática de se comunicar por intermédio das cartas seja antiga, a sua utilização como fonte histórica tem recebido maior atenção nas últimas décadas, mesmo prevalecendo a prioridade para a correspondência entre figuras proeminentes como os notáveis intelectuais ou figuras públicas, em detrimento da utilização de missivas trocadas entre pessoas ditas comuns, pouco conhecidas do grande público. Ilustres ou não, acreditamos que a maioria dos pesquisadores já tenha, em determinados momentos de suas pesquisas, experimentado alguma situação de enlevo, daquela que faz o coração acelerar, como por exemplo, ao se deparar com certos documentos inéditos e principalmente quando o conteúdo dessas fontes fala diretamente sobre sentimentos e emoções, como é o caso do conteúdo de cartas de amor. Foi o que ocorreu quando nos foi apresentado um importante acervo,¹ a correspondência entre um casal de namorados² na cidade de Pedro Afonso (TO).

Esse acervo, composto de 57 cartas e bilhetes, além de diversos telegramas e fotografias, representa as memórias do tempo de namoro

¹ Esse acervo nos foi apresentado e entregue para pesquisa pela remetente/destinatária das cartas, na cidade de Pedro Afonso (TO).

² O casal nasceu nos primeiros anos da década de 1920, nas margens do rio Tocantins. Ele em Carolina (MA) e ela em Pedro Afonso (TO). Casaram-se na cidade de Pedro Afonso em 1946 onde viveram o resto de suas vidas. Ambos pertenciam a famílias tradicionais da elite local e possuíam instrução básica.

de dois jovens, mas reflete também parte da História de uma região, e de duas cidades ribeirinhas, Pedro Afonso (TO) e Carolina (MA).³ Cronologicamente, este passado situa-se na década de 1940, época do predomínio dos barcos a motor no rio Tocantins. Em escala maior, este é o período marcado pela Segunda Guerra Mundial, conflito sobre o qual a população ribeirinha tomava conhecimento por meio de notícias, mas não participava diretamente. Portanto, este acervo que é parte das lembranças de um passado vivido por eles, torna-se fonte histórica na medida em que fornece elementos importantes para compreender aspectos do cotidiano e da identidade da população ribeirinha das margens do rio Tocantins.

Importante lembrar que nessa época o rio era o “caminho” natural e o mais utilizado na região, enquanto que o transporte terrestre era bastante deficitário, marcado pela carência ferrovias e de boas estradas, sendo ainda muito comum o uso de animais para este fim. Assim, um marco importante para aquela parte do país foi a chegada do transporte aéreo,⁴ fazendo com que os moradores se familiarizassem primeiro com o avião do que com o automóvel.

Portanto, é nesse contexto que o rio funciona como o canal prioritário pelo qual esse casal de namorados se comunicava expressando seus sentimentos, suas angústias, as intrigas que permeavam seu relacionamento, suas pequenas conquistas e, principalmente, nos oferecendo pistas sobre os costumes e o cotidiano da vida beira rio no interior do país. Importante ressaltar que as fontes históricas para o estudo dessa região são escassas,

³ As duas cidades estão localizadas nas margens do rio Tocantins e a distância entre elas é de mais ou menos 300 km, sendo que Pedro Afonso está mais ao sul, no Estado do Tocantins e Carolina mais ao norte, no Maranhão. Antes da divisão do Estado de Goiás ocorrida em 1988, a cidade de Pedro Afonso pertencia à região norte de Goiás. Hoje ela está situada no Estado do Tocantins, distante 160 km da capital, Palmas.

⁴ Com a criação do Correio Aéreo Militar em 1931, que dez anos mais tarde passou a ser chamado de Correio Aéreo Nacional, o CAN, deu-se início à tarefa de implantação de campos de pouso pelo interior do Brasil. Essa medida veio atender o interesse da *Pan American Airways* em reduzir o tempo gasto por seus aviões cumprindo a rota Miami-Buenos Aires, pois não dispunham de equipamento aéreo mais veloz. Daí a antiga região norte de Goiás ser contemplada em primeiro lugar pelo transporte aéreo e só mais tarde com o rodoviário, pois era uma rota aérea que encurtava esse caminho.

desse modo, estas cartas contribuem sobremaneira como significativos vestígios para a escrita da história local e para enriquecer a História de uma região do Brasil pouco estudada.

A abertura e possibilidades para investigações que têm como base esse tipo de documento são, sem dúvida resultado da mudança de perspectiva pela qual passou a pesquisa histórica a partir do século XX, o que possibilitou a inserção de novas abordagens e metodologias e principalmente a inserção de novos objetos e novas fontes ao fazer histórico. A partir do momento em que documentos dessa natureza passaram a ser aceitos como fonte histórica, também as sensibilidades passaram a ser consideradas, e a História tornou-se mais rica, mais democrática e mais humana, sem necessariamente perder rigor científico. Sem essas mudanças no modo de se fazer História, com certeza, fontes dessa natureza ficariam esquecidas nos baús da memória e não contribuiriam para o enriquecimento desta história local, de uma região e do Brasil.

Segundo Gomes (2004, p. 20), as pesquisas e publicações que utilizam a escrita de si (cartas, diários, autobiografias etc.) por estudiosos de diversas áreas do conhecimento, fez com que esse tipo de escrita trouxesse “para o centro da análise a documentação dos homens comuns”, que de modo geral não despertavam o interesse de leitores. É a partir dessa mudança de perspectiva, que procuramos dar visibilidade a esta correspondência entre duas pessoas comuns, conhecidas apenas no âmbito local das duas cidades, mas que pode lançar luz sobre questões inerentes a toda uma região.

Duas cidades separadas por um rio e unidas pelas cartas

O rio que une e separa as cidades de Pedro Afonso (TO) e Carolina (MA) é o Tocantins. Ele recebe essa denominação a partir da confluência dos rios Maranhão e Paranã, no Brasil Central, somando cerca de 2.400 km de extensão até sua foz. Segundo os geógrafos Gomes e Teixeira Neto (1993, p. 113), “O rio Tocantins começa nas imediações do quadrilátero Cruls (porção setentrional do Distrito Federal), a mais de 1.000 metros

de altitude, resgatando a sua total identidade a partir da confluência do Rio Paranã com o rio Maranhão”. Devido à natureza de seus terrenos e às diferenças pluviométricas, as condições de navegabilidade de seu leito variam muito. O rio Tocantins, portanto, corta o país no sentido sul-norte e, na divisa dos Estados do Tocantins e Pará (local conhecido por Bico do Papagaio), recebe as águas do rio Araguaia. A partir das cidades de Filadélfia (TO) e Carolina (MA), divide os Estados do Tocantins e Maranhão e corta, em seguida, o Estado do Pará, chegando à sua foz.

Para além de seus aspectos geofísicos, podemos dizer que o Tocantins⁵ é um rio que possui uma pluralidade de sentidos: ele une e fixa, mas também separa e divide. É uma fronteira geográfica por natureza, mas é também fronteira econômica, cultural e simbólica. É visto como barreira, mas também como via de contato, integrador de regiões e pessoas, espaço das relações sociais e de identidades culturais. É nesse contexto que estão as cidades de Pedro Afonso (TO) e Carolina (MA), que, apesar de pertencerem a dois estados distintos, possuem muitos elementos em comum. Por serem cidades ribeirinhas, sua História é inseparável da história da ocupação e da navegação do rio Tocantins. Numa época em que não havia estradas na região, a posição estratégica das cidades às margens do rio — o caminho que anda — foi fator importante para o seu desenvolvimento. As duas cidades funcionaram como centros dinamizadores na região por longa data. Localizadas na margem direita do Tocantins, funcionaram como pontos estratégicos para o comércio com o norte do país, mais precisamente com Belém (PA), como mostram Borges e Palacín (s.d., s.p.): “[...] na segunda metade do século XIX, se estabelece uma linha contínua de vilas, que marcam o pulsar do trânsito comercial pelo grande rio: Peixe, Porto Imperial, Piabanha (Tocantínia), Pedro Afonso, Carolina, Boa Vista (Tocantinópolis)”.

⁵ A partir do momento que recebe o nome de Tocantins — no encontro dos rios Paranã e Maranhão, até sua confluência com o Araguaia, existem hoje em torno de trinta cidades ao longo de suas margens, mas se considerarmos toda a extensão até a foz, são cerca de 50 cidades.

Essas cidades tanto podem ser vistas como propulsoras de integração e fixação de pessoas, como também de divisão e criação de limites, sendo, portanto, exemplos de cidades-fronteiras.⁶ Os rios sempre se constituíram em elementos importantes de fixação da população em suas margens, ao longo da história. As peculiaridades entre as duas cidades podem ser observadas no fato de estarem localizadas na margem direita do rio Tocantins, por manterem atividade comercial com Belém por décadas _ por meio de viagens de botes e depois de barcos a motor _ por terem sido escolhidas para sediar campos de aviação na década de 1930, e também, porque ambas ficaram fora do traçado da rodovia Belém-Brasília na década de 1960. Portanto, o contato dos moradores de Pedro Afonso sempre foi bastante intenso com os da cidade de Carolina.

Para se ter uma ideia da situação dessas cidades no período, o relato deixado por um médico que por lá passou é elucidativo. Segundo Júlio Paternostro, em 1935, a cidade de Carolina possuía 2.936 habitantes distribuídos em 704 casas, sendo dois sobrados, 393 construídas de tijolos e adobes e 307 palhoças. Enquanto que Pedro Afonso possuía 800 habitantes que residiam em 145 habitações, das quais 83 eram palhoças. Sobre a cidade de Carolina, essa mesma fonte afirma que, embora “seus habitantes consideram-na a “pérola” do Tocantins, envaidecidos pela existência de uma sociedade literária, onde se fazem discursos e tertúlias de saber acadêmico”, também como Pedro Afonso, “Não possui escolas técnicas, nem luz elétrica, nem serviço de águas e esgotos” (PATERNOSTRO, 1935, p. 189).

⁶ Porto Nacional e Pedro Afonso pertenciam à antiga região norte de Goiás. Após sua separação do sul, passaram a fazer parte do Estado do Tocantins (1988). Do século XIX a meados do XX, funcionaram como propulsoras de integração e fixação, devido à sua localização privilegiada beira-rio Tocantins. Tornaram-se centros comerciais importantes de ligação do sertão com o litoral, atraindo migrantes de outras regiões, podendo ser caracterizadas como cidades-fronteiras – lugar de encontro/desencontro entre diferentes culturas.

As anotações do Brigadeiro Lysias Rodrigues⁷ também ajudam a compreender melhor a situação destas cidades no período. Segundo Rodrigues, a origem da cidade de Pedro Afonso está ligada à fundação de uma aldeia indígena, *Travessa dos Gentios*, no ano de 1845, por um capuchinho italiano, Frei Rafael Taggia. Entre o final do século XIX e início do XX, a cidade foi influenciada pela expansão da exploração da borracha⁸ na região norte. Tornou-se um ponto importante de ligação entre o nordeste e o norte e um local onde as mercadorias eram acumuladas para o transporte pelo rio Tocantins, até Belém. Segundo os dados do Arquivo Histórico Estadual de Goiás, de 1910, Pedro Afonso possuía 60 casas, e o imposto da décima urbana variava entre 2\$000 e 4\$800 réis.⁹ Mas, ao mesmo tempo em que a *corrida* da borracha provocou aumento da população, intensificou o comércio e também os problemas: a chegada de forasteiros gananciosos, a instabilidade e divergências políticas locais aumentaram a violência na cidade. Ainda de acordo com Rodrigues (2001) Pedro Afonso foi assolada pelo

⁷ De acordo com Cambeses Jr. (2007), o Major-Brigadeiro-do-Ar Lysias Augusto Rodrigues (1896-1957) teve a incumbência de estudar as possibilidades de ampliar os vôos do Correio Aéreo Militar (CAM) pelo interior, a fim de estender a rota Rio-São Paulo até o Estado de Goiás. Em 19 de agosto de 1931, é dada partida na expedição composta por Lysias Rodrigues, Felix Blotner, inteligente e destacado funcionário da *Panair do Brasil*, a serviço da congênera americana, e seu prestimoso auxiliar, um jovem chamado Arnold Lorenz, que percorreram os estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Maranhão, até chegar a Belém. O objetivo era reconhecer o território e implantar campos de pouso, de modo a viabilizar a navegação aérea e criar as condições imprescindíveis que facultassem a execução de voos dos grandes centros do Brasil para a Amazônia e que permitissem também uma nova e econômica rota para os voos realizados entre os Estados Unidos e o Cone Sul do Continente.

⁸ Borracha é uma denominação genérica do látex, pois existem diversas plantas das quais ele pode ser extraído: o caucho, a seringueira, a mangabeira, a maçaranduba (ou balata) e outras. O nome científico do caucho é *Castilloa elastica*; é uma árvore que alcança de 15 a 20 metros de altura, com tronco medindo cerca de meio metro de diâmetro (MATTOS, 1996, p. 26). Na região de Pedro Afonso não havia o caucho, mas a mangabeira, árvore da família das apocináceas, medindo entre 5 a 10 metros.

⁹ Décima urbana era o imposto cobrado pela área construída, o equivalente ao Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) atual. Havia nessa época apenas 60 prédios urbanos na cidade, distribuídos em quatro ruas: Largo da Matriz, Rua Grande, Rua do Passeio e Rua do Sal (Arquivo Histórico Estadual. Cx. n.º 1, ref. ao município de Pedro Afonso).

banditismo entre os anos de 1913 e 1922, só se reerguendo na década de 1930 quando a ordem foi restabelecida na região.

Quanto à cidade de Carolina, Rodrigues (2001) afirma que foi um território disputado por Goiás e Maranhão por longa data, e que por ocasião de sua passagem por lá, na década de 1930 ela se apresentava “se não a melhor cidade do Maranhão, pelo menos a mais culta”, e acrescenta que “É ali que se encontra o maior centro cultural do Estado, com muitos e bons colégios e escolas, e pessoas realmente cultas, de ambos os sexos” (RODRIGUES, 2001, p. 131).

As duas cidades estão localizadas em uma região do Brasil, que não participou diretamente da onda de progresso que atingiu o país no pós Segunda Guerra. Na década de 1950, enquanto o município de Carolina contava com uma população de 21.404 habitantes distribuídos por uma superfície de 10.237 km², Pedro Afonso possuía 5.700 km² e apenas 6.995 habitantes (IBGE, 1958). O meio de comunicação para essas cidades era pela navegação fluvial, ou pela utilização de tropas de animais, por onde transitavam os tropeiros, por simples picadas que ligavam os povoados uns aos outros, ou integrando o sertão ao litoral. Esses dados são importantes para se compreender melhor os diálogos citados ao longo do texto, pois os mesmos sugerem certa superioridade quantitativa e também qualitativa da cidade de Carolina em comparação com a cidade de Pedro Afonso.

Na intimidade das cartas: fragmentos da história de uma região

Concordamos com o grande poeta português Fernando Pessoa quando ele afirma que todas as cartas de amor são ridículas, mas acreditamos também que, apesar disso, elas podem ser vistas e utilizadas como relevantes fontes de pesquisa, por meio das quais podemos extrair importantes informações sobre a economia, a política e principalmente sobre comportamentos, sociabilidades e sensibilidades humanas em um determinado período. Portanto, ridículas ou não, a existência destas cartas pode contribuir para a análise e compreensão de aspectos históricos de uma região pouco privilegiada pela historiografia até o momento, como é

o caso em foco. Este acervo, que é parte das lembranças de um passado vivido pelo casal de namorados, torna-se fonte histórica na medida em que fornece elementos importantes para compreender o cotidiano, a identidade e a mentalidade da população ribeirinha das margens do rio Tocantins na década de 1940, e por meio destas cartas íntimas, que permitiram a comunicação entre ausentes, pode-se também perceber situações e acontecimentos corriqueiros do dia a dia dos moradores, por meio de seus sentimentos e sensibilidades próprias de uma época e contexto histórico.

De acordo com Brigitte Diaz (2016), a carta é um objeto nômade, plural, vista como um texto híbrido e rebelde, sendo, portanto, um gênero literário indefinível, que flutua entre categorias vagas como arquivos, documentos ou testemunhos. Independente da categoria em que se encaixe, percebemos as cartas aqui analisadas, como documentos históricos, que como qualquer outro documento precisa ser analisado com cuidado e crítica, pois como todo documento, é pleno de subjetividade e foi produzido com alguma intenção implícita ou explícita.

Ao entrar em contato com esta fonte, além de satisfazer uma curiosidade pessoal, podemos observar que muito do que se buscava sobre uma identidade ribeirinha poderia ser explicado por meio daquele diálogo epistolar íntimo e privado entre o casal de namorados. Segundo a historiadora Ângela de Castro Gomes (2004), esse tipo de documento pode ser utilizado “como uma estratégia eficaz de aproximação das experiências de vida de um tempo e lugar; como indícios da (s) cultura (s) de uma época e de uma certa configuração das relações sociais” (GOMES, 2004, p. 21). Mas, apesar de seu potencial enquanto documento válido e aceito na atualidade, a autora ressalta que,

Não surpreende, por conseguinte, que os pesquisadores sintam que trabalhar com cartas é algo fácil e agradável e, ao mesmo tempo, muito difícil e complexo. A correspondência é um tipo de documentação abundante e variadíssima, mas também fragmentada, dispersa e, muitas vezes, quase inacessível, pelas barreiras impostas pelos segredos (familiares, políticos, profissionais) e pela invasão de privacidade que seu exame pode acarretar (GOMES, 2004, p. 21).

Importante lembrar que foram as mudanças de concepção da história e de seu fazer, a partir de novas práticas da pesquisa histórica, que possibilitaram a aceitação de que todo indivíduo passasse a ser reconhecido e valorizado enquanto sujeito histórico na sociedade moderna, ao mesmo tempo em que ela,

[...] disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber ler, escrever e fotografar, abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem “anônimo”, do indivíduo “comum”, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si (GOMES, 2004, p. 13).

A autora chama a atenção ainda para as especificidades do procedimento metodológico ao trabalhar com esse tipo de documento, destacando algumas questões como: quem é o remetente e a quem se destina as correspondências, em que condições foram escritas, o local onde foram encontradas, onde, como e porque estão guardadas, de quais assuntos elas tratam, o ritmo em que foram escritas e o volume das mesmas, o vocabulário e a linguagem utilizadas, dentre outras.

Seguindo o pensamento de Dauphin e Pouban (2002), Ângela Gomes reforça que, a maneira possível de trabalhar com as cartas pessoais como fonte é entendê-las como objeto cultural, que usa uma linguagem simples e despojada, próxima do verbal/oral. Mesmo assim, a autora alerta que, apesar desta forma de escrita de si, ser um discurso que mobiliza a sinceridade como valor de verdade, não pode ser tratada como forma naturalizada e espontânea. Daí a necessidade de senso crítico e metodologia adequada ao utilizá-la como fonte, pois como qualquer outra fonte, ela é produto de um determinado meio e de uma determinada classe social.

Após essas considerações de ordem teórico-metodológica, passamos a analisar o conteúdo das correspondências, tendo como objetivo primeiro dessa reflexão, entender, por meio dos escritos desse casal de namorados, aspectos da cultura e cotidiano na década de 1940, nas margens do rio Tocantins, mais precisamente nestas duas cidades ribeirinhas.

O acervo aqui analisado é composto por 57 cartas e bilhetes, além de diversos telegramas, escrito entre os anos de 1943 e 1946 e encontra-se em bom estado de conservação na cidade de Pedro Afonso, guardado na casa onde viveu a remetente/destinatária, como objeto de recordação da família.

Sobre a origem das correspondências, constatou-se que, além da cidade de Pedro Afonso (TO) e Carolina (MA), lugares onde moravam os autores das cartas, aparecem também, Miracema (TO), Tocantinópolis (TO), Imperatriz (MA) e Belém (PA). Esse fato se explica pelo constante deslocamento dos autores das mesmas, em determinadas épocas. Ele, com mais frequência, por causa de sua profissão, comerciante de mercadorias em um barco a motor, que viajava constantemente pelo rio Tocantins; e ela, em visitas e passeios a familiares residentes em outras cidades.

Percebe-se certa formalidade quanto à linguagem utilizada nas cartas. Apesar do tratamento afetivo, prevalece a discrição e seriedade nos assuntos tratados. Mesmo na condição de namorados, e depois noivos, chamavam-se com frequência por amigos, sendo comuns os inúmeros pedidos de desculpas e perdão por pequenas falhas, como pela letra, como pela demora em responder as cartas: “Desculpa-me os borrões, estou escrevendo às pressas”; “Não é carta, é apenas um bilhete apressado”; “Quero te pedir desculpas, que estou te escrevendo às pressas, visto estar tomando parte na comissão organizadora da festa de hoje”.¹⁰

O casal sempre fazia referências às fofocas e comentários da comunidade sobre seu namoro, sendo que certa vez quase terminaram o noivado, por esta razão, como evidenciado em uma carta do noivo, datada de 20 de novembro de 1944: “Em minha passagem por aí, estive sabendo de algumas cousinhas, boatos e etc. Cousinhas estas, não muito agradáveis. Maior parte até mesmo contra minha pessoa. Se nos for permitido, dentre em breve conversaremos”. O boato a que se refere o jovem era sobre uma fofoca que chegou aos seus ouvidos, afirmando que sua namorada estava gostando de outro homem. Na carta seguinte, de 27 de novembro do mesmo ano, em resposta ao rapaz, a jovem diz o seguinte: “Nem sei bem o que te

¹⁰ O autor faz referência à festa que estava sendo preparada para receber o interventor de Goiás, Pedro Ludovico em 21/08/1945.

possa dizer sobre essas ‘cousinhas’. Não posso mesmo conceber, com que base quiseram os boateiros caluniar o meu nome. Não esperava tal coisa, mas, infelizmente tenho sido vítima dessas decepções”. Em suas próximas cartas o tema ainda estava em pauta, mas a posição da moça parece ser bastante firme sobre o assunto: “Teria muito o que lhe dizer se quisesse enumerar aqui, todos os boatos que tenho sabido ultimamente. Os ‘vigias’ são inúmeros [...] mas não dou confiança a nada. Se o fizesse, ficaria louca”. Ela finaliza afirmando que não tinha satisfação a dar aos boateiros, que sua consciência estava tranquila, e que cabia a ele, decidir se preferia acreditar nela ou nos boatos. Percebe-se que o rapaz ficou realmente incomodado com as fofocas, pois por esta ocasião teria passado em viagem de barco pela cidade de Carolina e não teria visitado a moça.

Em suas cartas é notável também o respeito entre eles e aos seus familiares, principalmente a demonstração de reverência e estima aos pais de ambos. As cartas geralmente eram finalizadas com lembranças aos pais e a outros membros da família.

Uma preocupação permanente observada nas cartas era com relação à privacidade do que era escrito, principalmente do lado da moça, pedindo para que ele preservasse total sigilo, não mostrando suas cartas a ninguém, e ainda, que as inutilizasse após sua leitura, como este excerto: “Antes de terminar, vou te fazer um pedido. É muito simples e fácil de ser atendido. Peço-te não fazer coleção de minhas cartas, mas, sim, rasgá-las logo após a leitura”.

Os meios de comunicação utilizados para a troca de correspondência entre eles eram os barcos a motor, os aviões e o telégrafo. Fica visível pelas informações que era muito comum nesse período a constante passagem de aviões nessas cidades, principalmente das empresas, Aerovias Brasil, a FAB (Força Aérea Brasileira) e o CAN (Correio Aéreo Nacional), meios que também eram utilizados para enviar a correspondência. Por exemplo, em uma das cartas do jovem: “Não te escrevi assim que cheguei porque quando voltei de Miracema já havia passado o Aerovias e o Militar.”, ou, “Aguardo resposta pelo próximo avião”. Assim, apesar das dificuldades de transportes e da distância, que é em torno de 300 quilômetros entre as cidades de Carolina (MA) e Pedro Afonso (TO), é possível constatar que

o fluxo de correspondência entre o casal era considerável, como nesta fala da jovem: “Recebi a sua carta do dia 15, telegrama do dia 22, cartão de 25 e carta do 24”.

Os objetivos explícitos e implícitos para o envio das cartas, bilhetes ou telegramas, eram os mais variados: para felicitações por ocasião de aniversários, notas de pesar por ocasião de falecimentos, pelo natal e passagem de ano; para encomendar mercadorias; para tratar de assuntos próprios de enamorados, como demonstrações de saudades, ciúmes, curiosidades; ou simplesmente para troca de notícias e “matar” a saudade.

Em apenas duas das cartas assuntos de estado ou da política local aparecem como tema da correspondência do casal. Em fevereiro de 1945, último ano da Segunda Guerra Mundial, o jovem demonstra insatisfação e preocupação ao informar à namorada que “foram convocados todos os reservistas de 3ª categoria, onde eu sou um deles. Todavia, ainda podemos ser dispensados, como da primeira vez”. Da cidade de Pedro Afonso, ele afirma que foram 11 os convocados. É importante ressaltar que em outros documentos locais também fica evidente a verdadeira aversão que os moradores da região possuíam em relação ao alistamento militar e a esse tipo de convocação.

Em outra carta, o jovem cita a visita do governador de Goiás, Pedro Ludovico, à sua cidade (Pedro Afonso) em agosto de 1945. Na carta, o rapaz descreve a grandiosa recepção, com a execução do hino nacional e banquete, com o seguinte comentário: “No seu discurso fez muitas promessas boas, que se forem levadas a efeito, virá melhorar muito nossa cidadezinha. Mas eu ainda não estou acreditando”.

Esse comentário nos remete aos problemas relativos às diferenças e rivalidades entre o sul e o norte de Goiás antes da divisão do Estado, pois estas eram marcantes e comumente denunciadas pelos jornais locais. Nessa conjuntura, os moradores da região norte sentiam-se discriminados e explorados, pois segundo eles, a mesma era visitada pelos políticos somente na época das campanhas eleitorais, com a finalidade de angariar votos. Passada a campanha, eram completamente esquecidos até o próximo pleito eleitoral.

O dia a dia dessas cidades à beira do rio Tocantins pode ser observado em diversos comentários sobre, festas, produção local e produtos

importados, visitas de autoridades, o uso de termos regionais, entre outros. Sendo o jovem da correspondência, comerciante e possuidor de um barco a motor, no qual fazia constantes viagens pelo rio Tocantins, era comum, por exemplo, receber encomendas de diversos moradores da cidade de Pedro Afonso, tendo como mediadora, a sua namorada. Em uma das cartas ela se diz constrangida com tantos pedidos: “Em cada carta vai um pedido e isso é pra aborrecer mesmo, principalmente a quem é tão ocupado como tu”. Alguns dos produtos mais comuns que aparecem nos pedidos são: remédios, sapatos, meias, tecidos, linhas para costura e para pesca, móveis (cadeira de vime), caixotes de tijolos,¹¹ e, acreditem, até “estatuetaszinhas, ou melhor, enfeites para cantoneiras”!

Em carta do dia 18 de abril de 1946, por ocasião da viagem do noivo para Belém, sua amada lhe escreve solicitando algumas encomendas como: “Quatro folhas de papel carbono, sendo duas brancas e duas vermelhas. Meia dúzia de carros de linha ‘Singer’ matizada, sendo dois verdes, um encarnado, um roxo, um amarelo e um cor de rosa”. Em resposta a esta carta, o noivo afirma que é sempre um prazer atender às solicitações da noiva, e escreve com tristeza, afirmando que procurou imensamente, mas que não conseguiu encontrar “o carro amarelo”.

Além das solicitações feitas pela noiva, para ela mesma, eram constantes os pedidos em nome de amigos e parentes desta, por seu intermédio. É de se imaginar a difícil situação de um rapaz, atribulado com seus negócios e com os constantes reparos em seu barco, sair à procura das encomendas relacionadas acima, e de tantas outras, como, por exemplo, mais um pedido, com apenas cinco dias após ter sido feito o primeiro: “um par de sapatos brancos n. 21 e um par de meias brancas de cano longo. Não quer de tiras, aberto. Prefere um tipo mais fechado”! Sobre esta encomenda, ele escreve que a comprou, mas que não sabe se vai agradar, pois ainda não tem prática para fazer compras de crianças.

Apesar dos inúmeros pedidos, pelos escritos da moça fica evidente seu constrangimento em fazer tantas encomendas ao noivo, e chega a

¹¹ Caixote de tijolos é o mesmo que caixa de rapaduras, produto da cana de açúcar.

dizer que, ele teria ido à Belém sem avisar para não receber tantos pedidos. Mas, como os pedidos vinham da namorada, com certeza todo esforço era feito para agradá-la! Por falar em agradecer, em outra carta, o rapaz conta que comprou o livro *Sangue e areia* para presentear a namorada. Trata-se do romance do escritor espanhol Vicente Blasco Ibanez, adaptado para o cinema e televisão.

Embora predominassem os assuntos práticos e outras banalidades, primando, na maioria das vezes, pela discrição, é possível perceber de vez em quando, alguma intimidade e certos arroubos de romantismo, como nesse excerto, por ocasião de aniversários do noivo: “Transpondo serras, rompendo matas e atravessando rios, o meu pensamento voa para ti, numa prece fervorosa e amiga, de saudade, de ternura e de desejo”; e nesta outra felicitação: “E nesta manhã linda em que te escrevo, a natureza cheia de encantos festeja aqui, diante de meus olhos, o teu aniversário, fazendo eu desejar estar ao teu lado, compartilhando do grande prazer que reina em sua casa”.

Notícias referente a festas religiosas, bailes e carnavais nestas cidades são constantes nas cartas. Pelas cartas foi possível perceber que a vida social em Carolina era bem mais animada que a de Pedro Afonso. Em uma carta de 1945, a jovem conta ao namorado (agora noivo) sobre as festas da cidade de Carolina e acrescenta que será exibido o filme *Marquesa de Santos*. Segundo ela, “Os últimos filmes é que têm sido bons. Hoje passará em estreia ‘Marquesa de Santos’.¹² Dizem que é ótimo”. Em outra passagem, a moça fala sobre outro filme que esteve em cartaz na cidade: “Ontem, depois de uma ausência bastante longa, voltei a assistir uma seção no ‘Rex’, em que passou o grande filme ‘Em cada coração um pecado’,¹³ tão anunciado e há muito tempo esperado com ansiedade”.

¹² Provavelmente trata-se do primeiro grande retrato fílmico da paixão entre D. Pedro I e Domitila de Castro e Melo, do diretor argentino Enrique Susini.

¹³ A jovem se refere ao filme *Kings Row* (Em Cada Coração um Pecado). Filme estadunidense de 1942, categoria drama, dirigido por Sam Wood, que relata a vida de jovens de uma pequena cidade, suas tragédias e experiências.

Na correspondência da moça aparece também referência a outras atividades recreativas como o jogo de futebol e passeios em cachoeiras. Ela conta que houve “um encontro” de grande entusiasmo e com público numeroso entre os times das cidades de Filadélfia e Carolina. Em outra passagem ela descreve um passeio que pelo que se pode deduzir, era comum entre eles: “Fomos sábado a tarde para a cachoeira do Itapicuru, de onde voltamos domingo a noite. Foi um passeio magnífico! Éramos 36 pessoas, com as crianças”.

Se por um lado, as cartas da jovem da cidade de Carolina sempre descreviam festas animadas como nos exemplos a seguir, “Temos dançado muito ultimamente”; “O Ano Novo aqui começou bem, pois houve baile no dia 31, 1^o e vespéral no dia 2”. Por outro, o jovem deixa transparecer a quietude da cidade de Pedro Afonso, como por exemplo, em dezembro de 1944, época de comemorações como o Natal e passagem de ano: “Bem, como vai a sua Carolina, sempre animada? Nem queira saber o quanto Pedro Afonso está ruim”.

Por meio das cartas, é possível perceber uma nítida diferença no que se refere à vida social entre as duas cidades. Enquanto são constantes as reclamações do namorado sobre a falta de diversões em sua cidade, Pedro Afonso/TO, demonstrando sua decepção com a falta de diversões, como por exemplo, quando afirma: “O carnaval aqui foi uma verdadeira decepção. A cidade muito desanimada parece que dia a dia mais vai piorando. Aqui tudo velho e parado. Não posso tolerar essa vida de rapaz aqui, estou quase desacostumado do nosso velho Pedro Afonso”. Em resposta, a moça da cidade de Carolina/MA escreve: “O carnaval aqui, está mesmo entusiasmando nossa gente, amiga da fuzarca. Quanto mais se aproxima, mais cresce o número de foliões”. Em outra missiva, ela acrescenta que “O carnaval é mesmo uma coisa louca. Prende mesmo a atenção da gente. Aqui em casa é sempre um ponto de reunião e as meninas estão mesmo animadas”. Essa diferença entre as duas cidades ficou evidenciada na fala de Rodrigues (2001) de que na década de 1930, se a cidade de Carolina não fosse a melhor do estado do Maranhão, seria pelo menos a mais culta.

Em diversas cartas o casal incentiva um ao outro a não deixar de participar das festas e outras diversões que aconteciam em suas respectivas

idades. Respondendo a carta da jovem que o aconselhava a se divertir, o rapaz diz: “Não quero também que fiques completamente isolada, sem dançar, brincar e etc. Aproveita enquanto é tempo, assim fazendo, ficarei satisfeito”. Mais adiante ele acrescenta: “Sou verdadeiramente ao contrário de muitos outros, que proíbem suas noivas de toda e qualquer brincadeira”.

Nas cidades do interior no período, eram poucas as atividades lúdicas, e as festas, muito frequentes, supriam de certo modo a escassez de outras diversões. Sobre essas festas, o religioso francês José Maria Audrin, dominicano que viveu na região por várias décadas, afirma que os dias de festa eram dias felizes, onde além de saciar a fome, havia o reencontro de parentes e amigos, realizavam-se batizados, crismas e casamentos, e, raramente registravam-se roubos ou crimes, desordens ou escândalos. Com referência às festas religiosas ele ressalta que os cultos eram numerosos e variados, praticados em muitas circunstâncias sem a fiscalização do padre, transformando-se facilmente em ocasiões de gestos e práticas um tanto contrários ao bom senso cristão. Mas o mesmo padre ressalta que “seria injusto e contraproducente querer condenar, de modo absoluto, essas manifestações do sentimento religioso do povo sertanejo” (AUDRIN, 1963, p. 126). Segundo ele, era preferível certa indulgência, pois para essa gente do interior, as poucas alegrias são motivadas justamente pelas festas dos seus santos.

A correspondência evidencia também algumas expressões típicas da região e principalmente termos próprios da comunidade ribeirinha, como por exemplo, “Afinal terminamos descendo no Almirante [barco]. A viagem apesar de demorada, foi muito boa”; “vamos baixar amanhã”, ou, “o dia de minha baixada”, “vais *subir* amanhã?”, “não precisa fazer farol” (fazer charme, fazer de rogado). “Subir”, “descer” ou “baixar”, são termos muito usados pelas pessoas que moram na beira de um rio, entendidos por todos os ribeirinhos, bastando olhar ou seguir o curso do próprio rio, sem necessidade de explicações.

Pode-se conhecer também um pouco sobre o cotidiano da navegação, os perigos e dificuldades a que estavam sujeitos os barqueiros do Tocantins ao enfrentarem as suas águas no vai e vem com seus barcos abarrotados de mercadorias. Quando a noiva recebe uma carta de Belém, fica surpresa e

apreensiva pela segurança do noivo, pois, segundo ela, naquele mês de junho já não era comum e seguro fazer o percurso para Belém: “Só mesmo a sua conhecida ousadia é suficiente para te fazer afrontar perigos, arriscando a própria vida”.

São constantes também nessa correspondência as notícias sobre doenças. Em primeiro lugar aparecem as febres e gripes. Há referências também aos problemas mais simples como dores de dentes, as mortes naturais ou, como por exemplo, em consequência de complicações no parto. Em um excerto retirado da carta da jovem da cidade de Carolina, pode-se perceber o desconforto causado em decorrência do clima quente da região no mês de setembro de 1945: “Por aqui não se fala em festa. Estamos passando por uma fase de muita doença e de muito calor. A temperatura está sufocante. Insuportável para a gente escrever”.

Nesse período, pode-se constatar que apesar das dificuldades e carências de certos produtos típicos da “modernização” na região, a técnica da fotografia já era comum entre eles, pois aparecem nas cartas diversos comentários sobre o envio de fotografias pelos namorados. Observa-se também a publicação de um jornal local na cidade de Carolina, como comentado pela moça em uma de suas cartas: “Pela leitura da ‘A Tarde’, deves estar ciente das nossas poucas novidades, melhor do que aqui mencionadas”. Segundo consta, esse periódico local, cujo diretor foi o carolinense Catão Maranhão, teve longa duração (1905 a 2001). Além desse jornal, Carolina possuía muitos outros, bem como a *Revista Carolina*, que circulou entre os anos de 1929 e 1930.

A morosidade, o ritmo lento do tempo, bem como a fragilidade dos meios de comunicação podem ser percebidos na escrita do casal. Era comum tanto o extravio de cartas, como as reclamações pela demora das mesmas, como nesse desabafo da senhorita sobre uma carta enviada por seu noivo “[a carta] escrita a dezessete, aqui chegou a vinte e cinco, é incrível. Uma carta tão velha para uma distância tão pequena!”. E assim seguia a comunicação entre eles, ora de barco, ora de avião, cada uma em um ritmo próprio, acompanhando e dando notícias das lentas mudanças que ocorriam na região, até o dia em que se casaram e foram morar juntos na cidade de Pedro Afonso (TO).

A jovem certamente sentiu falta dos atrativos de sua cidade, pois esta era, segundo evidenciado nas cartas de ambos, bem mais animada e com muito mais eventos lúdicos que a pacata cidade de seu noivo. Mas, pelo que tudo indica, e pela duração de seu casamento (até que a morte os separou) o desfecho desse romance foi feliz, e as cartas continuaram a circular, embora com menos frequência, rio acima rio abaixo, agora dando notícias aos familiares sobre o nascimento dos filhos e informações interessantes sobre o cotidiano das duas cidades e da região.

Considerações finais

As cartas trocadas entre o casal cessaram no mês de outubro de 1946, quando foi realizado seu casamento, no dia 18, na cidade de Carolina (MA). Provavelmente com uma grande festa, como era o costume do lugar. A partir daí, os cônjuges passaram a residir em Pedro Afonso (TO) onde viveram, até que a morte os separou, já bem idosos, primeiro, ele e depois ela. A história desse casal, embora semelhante à história de muitos outros, possui especificidades, e nossa atenção a ela se deve ao fato de se acreditar que pode contribuir para enriquecer, pela análise de acontecimentos aparentemente corriqueiros que se passaram em duas cidades nas margens do rio Tocantins, permite construir uma narrativa histórica sobre uma região ainda pouco estudada.

A análise do conteúdo destas cartas oferece elementos para a compreensão de importantes aspectos da população ribeirinha tocantinense no período, pois mostra especificidades e peculiaridades da cultura e cotidiano às margens do rio Tocantins. E, de acordo com Ângela Gomes (2004, p. 20-21), esta proposta valoriza a escrita de si independentemente do lugar/ posição social dos correspondentes. O uso desse tipo de documento é um meio de favorecer ou dar visão a homens e mulheres comuns, pelo simples fato de terem se beneficiado da difusão do ensino, que possibilitou a leitura e a escrita. É nesse sentido que acreditamos que esses registros podem ser utilizados como um expediente capaz de mostrar que as vivências desse casal, em seu singelo cotidiano, com suas incertezas, conflitos e desejos,

podem revelar muitos indícios das relações sociais de um lugar e tempo específico, ou seja, as populações ribeirinhas do Tocantins, na primeira metade do século XX.

O contato com determinadas fontes pode proporcionar, a nós historiadores, sentimentos de reverência e respeito e às vezes, de muita emoção. Entrar no universo dessas cartas nos proporcionou uma experiência única, quase mágica, e possibilitou captar inúmeras sensibilidades e sociabilidades contidas nos diálogos do casal de namorados. Esta forma de escrita é diferente dos relatos de viajantes ou mesmo de diários, pois os conteúdos dessas correspondências pessoais aqui analisadas possuem outros componentes que vão além de observações sobre lugares e pessoas, é uma fala na intimidade. É uma escrita em que a pessoa fala para alguém muito específico, que envolve os sentimentos mais íntimos, e que se acreditava e até se solicitava que seu teor não fosse revelado a outras pessoas.

Nesse aspecto, há a preocupação explícita, principalmente por parte da moça que escreve, de que ninguém, além do destinatário lesse o conteúdo de suas cartas. Fica, de certo modo, a sensação de que ao ler estas cartas estamos ultrapassando um limite e profanando algo que deveria permanecer no anonimato. Mas a autora das cartas, ao ser contatada por nós, já em idade avançada, não demonstrava mais esse sentimento de que seu conteúdo precisasse ser mantido em segredo, ao contrário, para ela foi até importante que essa intimidade pudesse ser desvelada, como uma forma de dividir e reviver esse passado longínquo e repleto de momentos felizes.

Assim, podemos dizer que por meio dessa correspondência foi possível perceber certa singularidade nas duas cidades ribeirinhas. E apesar de muitos de seus aspectos serem parecidos com os de outras cidades interioranas, elas possuem traços próprios de cidades beira rio, em que o rio comanda a vida, “O rio, sempre o rio, unido ao homem, em associação quase mística...”, como bem expressa Leandro Tocantins (1973, p. 280). Pelo conteúdo das cartas, fica evidente a importância do rio na vida do casal e dos moradores da região, e a relevância da profissão do jovem barqueiro, pois dos barcos dependia a população ribeirinha para sua comunicação e abastecimento.

Referências

- AUDRIN, J. M. *Os sertanejos que eu conheci*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963.
- BORGES, A. M.; PALACIN, L. *Patrimônio Histórico de Goiás*. Goiânia: Jayme Câmara, s.d.
- CAMBESES JR., M. Major-Brigadeiro-do-Ar Lysias Augusto Rodrigues, Pioneiro do Correio Aéreo Nacional; Patrono do INCAER. Disponível em: <http://www.reservaer.com.br/biblioteca/livros/lyσίας_rodrigues.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2017.
- DIAZ, B. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*. São Paulo: Edusp, 2016.
- GOMES, A. C. (Org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- GOMES, H.; TEIXEIRA, N. A. *Geografia Goiás: Tocantins*. Goiânia: Ed. UFG, 1993.
- IBGE. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Planejamento e orientação de Jurandir Pires Ferreira. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. XXXVI.
- MATOS, M. V. B. *História de Marabá*. Marabá: Grafil, 1996.
- PATERNOSTRO, J. *Viagem ao Tocantins*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- RODRIGUES, L. A. *O rio dos Tocantins*. 2. ed. Palmas: Ed. Alexandre Acampora, 2001.
- TOCANTINS, L. *O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.